

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro



Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online

Doutorado
PPgEnfBio

PPgEnfBio

ISSN 2175-5361
DOI: 10.9789/2175-5361

PESQUISA

Repercussões da terapia comunitária integrativa nas pessoas doentes renais durante sessão de hemodiálise

Community impact of integrative therapy for renal patients people during session hemodialysis

Impacto en la comunidad de tratamiento integral para personas pacientes renales en hemodiálisis sesión

Paula Simoni de Melo¹, Lucia Rosa Rocha Ribeiro², Aldenan Lima Ribeiro Corrêa da Costa³, Denner Regis Urel⁴

ABSTRACT

Objective: To understand the repercussions of Integrated Community Therapy (ICT) for people during renal hemodialysis session. **Method:** Field research intervention type, with exploratory and descriptive goals, performed in a qualitative approach. The ICT was held in July 2011, people with renal disease were eligible, who underwent hemodialysis from 6 pm to 10 pm. The hemodialysis circle was recorded, videotaped and transcribed. The video was presented to the participants, and then they were interviewed. The transcription of the circle and the interviews were subjected to thematic analysis. **Results:** It was observed that the circle provoked an explosion of feelings: excitement, admiration and compassion, even in the facial transformation of people: from afflicted/grieved, the serene and joy ful as the circle was developing. **Conclusion:** The ICT was a practice for the care, by providing the opportunity to express feelings, to promote reflection on the experience, condition, treatment and strengthening to cope with their difficulties. **Descriptors:** Therapy, Community, Dialysis, Nursing.

RESUMO

Objetivo: Compreender as repercussões da Terapia Comunitária Integrativa (TCI) nas pessoas doentes renais durante sessão de hemodiálise. **Método:** Pesquisa de campo do tipo intervenção, com objetivos exploratórios e descritivos, obtidos na abordagem qualitativa. A TCI foi realizada em julho de 2011, com pessoas renais crônicas, que faziam hemodiálise das 18 às 22 horas. A roda foi gravada, filmada e transcrita. O vídeo foi apresentado aos participantes que, em seguida, foram entrevistados. A transcrição da roda, e as entrevistas foram submetidas à análise temática. **Resultados:** Percebe-se que a roda provocou uma explosão de sentimentos: emoção, admiração e compaixão, no semblante das pessoas que, de angustiados/entristecidos, passaram a serenos e alegres à medida que a roda foi se desenvolvendo. **Conclusão:** A TCI foi uma prática para o cuidado, por fornecer a oportunidade de expressar sentimentos, promover reflexão sobre a vivência, condição, tratamento e fortalecimento para enfrentamento de suas dificuldades. **Descritores:** Terapia, Comunidade, Hemodiálise, Enfermagem.

RESUMEN

Objetivo: Conocer las repercusiones de la Terapia Comunitaria Integradora (TCI) para las personas durante la sesión de hemodiálisis renal. **Método:** Investigación de campo tipo de intervención, con objetivos exploratorios y descriptivos, realizados en un enfoque cualitativo. La TIC se llevó a cabo en julio de 2011, las personas con enfermedad renal eran elegibles, las que fueron sometidas a hemodiálisis de las 18:00 hasta las 22:00. El círculo de hemodiálisis fue grabado, filmado y transcrito. El video fue presentado a los participantes, y luego ellos fueron entrevistados. La transcripción del círculo y de las entrevistas fueron sometidas a análisis temático. **Resultados:** Se observó que el círculo provocó una explosión de sentimientos: emoción, admiración y compasión, incluso en la transformación facial de las personas: desde afligido/entristecido, hasta sereno y alegre conforme el círculo se estaba desarrollando. **Conclusión:** La ICT es una práctica para el cuidado, proporcionando la oportunidad de expresar sus sentimientos, promover la reflexión sobre la experiencia, la condición, el tratamiento y el fortalecimiento por hacer frente a sus dificultades. **Descriptor:** Terapia, Comunidad, Diálisis, Enfermería.

¹Enfermeira, estudante de pós-graduação do Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Escola de Enfermagem de la Universidad Federal de Mato Grosso (FAEN/UFMT), Grupo de Investigación en Enfermería, Salud y Ciudadanía (GPESC). E-mail: simonipaula@terra.com.br. ² Enfermeira y la Comunidad terapeuta. Doctorado en Enfermería. Profesor Adjunto de la FAEN/UFMT. Investigador GPESC. E-mail: rosalia@gmail.com. ³ Enfermeira y la Comunidad terapeuta. Doctorado en Enfermería. Profesor Adjunto de la FAEN/UFMT. Investigador GPESC. E-mail: aldenanlima@gmail.com. ⁴ Voluntario Iniciación Científica - Curso de Graduación de Enfermería, Escuela de Enfermería de la Universidad Federal de Mato Grosso (FAEN/UFMT) email denner_urel2@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

A Insuficiência Renal Crônica (IRC) é uma doença crônica de alta mortalidade, com incidência e prevalência progressivas no Brasil e no mundo. Configura-se como uma condição que preocupa os sistemas de saúde do mundo, pois milhares de pessoas recebem algum tipo de Terapia Renal Substitutiva (especialmente a hemodiálise), sendo que na América Latina existem, aproximadamente, 150.000 pessoas em programa dialítico e, destes, 60.000 somente no Brasil.¹

Muitas enfermidades crônicas não oferecem à pessoa perspectiva de recuperação, restando a ela e aos seus familiares o esforço para reorganizar a vida, agora com a presença da condição crônica, reestruturando-a para alcançar a melhor condição possível, apesar das limitações e perdas impostas pelo diagnóstico. É o que se observa nas pessoas com a IRC, que requerem um novo modo de encaminhar sua vida e na qual os profissionais de saúde, particularmente os de enfermagem precisam de dispositivos de cuidados que possam favorecer a constituição de novas formas de viver. Neste sentido, buscou-se aplicar a Terapia Comunitária Integrativa (TCI) como uma intervenção mediadora no contexto da hemodiálise.

A IRC caracteriza-se como uma condição crônica, na medida em que é uma condição que interfere na realização das atividades da vida diária e na percepção de bem-estar individual, com forte impacto nas relações com o ambiente físico e social, expresso por novo estilo de vida, especialmente devido ao tratamento por hemodiálise, que requer gerenciamento pessoal, familiar e profissional.

No âmbito da saúde do adulto o conceito de condição crônica tem sido estudado na literatura científica associado a atributos essenciais atrelados não apenas ao adoecimento em si, mas também à experiência de vida. Neste sentido, destaca-se o fato de envolver necessidades de saúde que se perpetuam através do tempo, se caracterizando pela permanência/recorrência, de incapacidades e dependência contínuas de medicamentos.² Assim, para o atendimento a uma condição crônica como a IRC, é necessário o envolvimento de todos os que a compartilham, seja a própria pessoa e seus familiares, seja os profissionais nos serviços de saúde.

A condição renal crônica e suas consequências trazem consigo várias alterações no estilo de vida das pessoas que a vivenciam, gerando problemas emocionais e familiares, entre outros.⁴ Dessa forma, vivenciá-la, representa um desafio difícil, pois implica a necessidade de se mudar hábitos de vida, o uso contínuo de medicações, a dependência de outras pessoas e/ou de aparelhos.

O processo de experienciar a condição renal crônica e a necessidade de tratamento pela hemodiálise, em especial, exige o estabelecimento de novos parâmetros na vida e introduz uma nova realidade para a pessoa, especialmente pela dificuldade em lidar com

sua nova condição que é a de realizar sessões de hemodiálise semanalmente. Submeter-se à hemodiálise quatro horas por dia, três vezes por semana, é vivenciar uma experiência carregada de aborrecimento e riscos, além do desconforto que ocorre durante sua realização.

As pessoas em tratamento de hemodiálise tornam-se dependentes de uma tecnologia e de profissionais treinados para a manutenção da vida. A partir deste momento, passam a viver esta experiência de formas diferentes, mas geralmente com muito sofrimento. Vivenciam também as limitações impostas pelo tratamento, repercutindo na perda da autonomia e com a expectativa de submeter-se ao transplante, além de sofrerem alterações fisiológicas. Situações que as levam a lidar com a perspectiva de morte como uma realidade que se aproxima a cada dia. Tais limitações e sintomas passam a ser sentidos como uma ameaça e produzem sensações de medo e angústia. Cada pessoa tem sua forma própria de reagir à condição crônica, além de trazer sua história e sua bagagem cultural.⁵

O tratamento hemodialítico gera consigo repercussões de ordem física, psicológica, social e econômica.⁵

Considerando a hemodiálise como uma condição crônica, Maruyama et al³ trazem reflexões pertinentes às experiências por que as pessoas passam, ajudando a enriquecer suas vivências, de adoecimento e de superação, podendo amparar outras que passam por situações semelhantes. Desta forma socializar tais experiências e compartilhar a interação constitui uma rede de apoio, oferecendo suporte às pessoas que compartilham sofrimentos.²

Nesse sentido, a TCI se mostra como uma possibilidade de cuidado a essas pessoas, considerando a facilidade de troca de experiências entre aqueles que vivenciam a mesma condição, permitindo a construção de redes de apoio social.

Diante deste contexto, a TCI, objeto de estudo em questão, reveste-se de importância à medida que fornece àqueles que convivem com a hemodiálise e a seus familiares a oportunidade de expressar seus sentimentos e pensamentos sobre a própria vida e promover uma reflexão sobre seus valores e crenças a respeito da condição e do tratamento. Por se tratar de uma atividade coletiva, a TCI oferece também aos profissionais de saúde e demais trabalhadores que prestam assistência a pessoas doentes renais, a oportunidade de rever posturas para o cuidado, adotando tanto inovações tecnológicas quanto estratégias humanísticas de modo equilibrado.

Na perspectiva da integralidade, não se deve restringir as pessoas somente à condição que provoca o sofrimento, mas utilizar conhecimentos para identificar as necessidades de saúde daquelas com as quais se relaciona, a fim de reconhecer e articular ações preventivas e assistenciais sobre a condição, buscando construir projetos de intervenção a partir do diálogo. Através do diálogo que se compreende o contexto específico dos diferentes encontros e nestes, cabe ao profissional de saúde preparar projeto terapêutico, tanto os trazidos pelos profissionais de saúde e demais trabalhadores quanto pelos outros a partir do seu sofrimento, expectativas e desejos.⁶

A TCI tem se mostrado como uma possibilidade de cuidado que favorece o alcance da integralidade, na medida em que permite trabalhar tanto com o sofrimento das pessoas, como também as suas potencialidades.

A TCI surge como uma tecnologia de cuidado de amplo alcance e baixo custo operacional no dia a dia, seja nas unidades de saúde e/ou na comunidade com o objetivo de construir redes sociais solidárias, minimizando o sofrimento emocional das pessoas relacionado com o abandono, insegurança e baixa estima.⁷

O cuidado para essas pessoas significa atender às suas necessidades, compartilhar saberes facilitando a compreensão da condição, incluindo a sua participação e de seus familiares, considerando fatores culturais, religiosos, sociais e psicológicos mediante comportamentos e procedimentos, que requerem atenção profissional.

A experiência como enfermeiras e, em diferentes contextos, cuidadoras e pesquisadoras junto a pessoas com doenças crônicas, tem gerado reflexões sobre novas possibilidades de cuidado.^{8,9} Temos percebido que a IRC e o tratamento afetam os aspectos físico e psicológico da pessoa, com repercussões pessoais, familiares e sociais.

Pressupomos ainda que a TCI, nesse momento, pode representar uma oportunidade para que sejam expressos os sofrimentos dessas pessoas, para a formação de redes de apoio, como também para o surgimento de novos olhares voltados à doença/tratamento das pessoas com IRC, familiares e trabalhadores. Por isso, apostamos na TCI como uma tecnologia de cuidado capaz de permitir a ressignificação das experiências das pessoas com IRC.

As rodas de TCI podem possibilitar para as pessoas em hemodiálise, seus familiares e trabalhadores um espaço para a ressignificação da condição e do tratamento além de trabalhar os preconceitos e uma melhor convivência das pessoas em hemodiálise, com seus familiares e trabalhadores, minimizando as suas ansiedades e um reaprender a viver de maneira mais humanizada. Sobretudo, pensamos que a TCI no contexto da hemodiálise pode promover o diálogo a partir da fala, da escuta e da partilha de experiências de vida necessários para todas as pessoas envolvidas nesse cuidado: os trabalhadores, as que estão sendo cuidadas e seus familiares.

Em busca realizada na literatura sobre o tema “Terapia Comunitária Integrativa, não encontramos trabalhos abordando a TCI no contexto da hemodiálise. Também buscando o tema “Hemodiálise”, as experiências se concentram no tratamento e manifestações clínicas, para os cuidados relacionados aos procedimentos técnicos e para as complicações durante a hemodiálise. Assim, consideramos que a nossa proposta é inovadora e desafiadora.

Consideramos relevante a pesquisa em questão, pois busca aprofundar a investigação sobre a TCI, tema que vem despertando interesse entre alunos da graduação e da pós-graduação, a partir do incentivo das pesquisadoras do grupo.

Acrescenta-se, ainda, que os resultados deste estudo poderão contribuir para a construção do conhecimento sobre as experiências que vêm se realizando com esta ferramenta de cuidado no contexto da hemodiálise, na perspectiva da construção de redes de apoio social.

Partindo deste contexto, acreditamos na contribuição deste estudo para a construção do conhecimento do cuidado em Enfermagem por meio da TCI e, de modo especial, no cuidado às pessoas - pacientes, seus familiares e trabalhadores da unidade - no contexto da hemodiálise.

Assim, objetivamos compreender as repercussões da intervenção da nas pessoas doentes renais durante sessão de hemodiálise.

MÉTODO

Pesquisa de campo do tipo intervenção de natureza aplicada, com objetivos exploratórios e descritivos, realizada na abordagem qualitativa.

Este estudo foi desenvolvido como experimentação prévia para a pesquisa maior de dissertação de mestrado que o sucedeu. Foi efetivado a partir da realização de uma roda de TCI numa clínica particular conveniada ao Sistema Único de Saúde (SUS), no Município de Cuiabá, Estado do Mato Grosso. Este serviço atende, semanalmente, uma média de 197 pacientes renais crônicos em quatro turnos, às segundas, quartas e sextas e em três turnos às terças, quintas e sábados.

Primeiramente, fez-se a divulgação aos pacientes da proposta de realização da TCI na clínica. O grupo envolvido com a TCI foi acionado e articulou-se para a tarefa, a qual se apresentava como um desafio.

A roda de TCI foi realizada no mês de julho de 2011, e do presente estudo participaram pessoas doentes renais crônicos, que realizavam hemodiálise no turno da noite, das 18 às 22 horas. A TCI foi realizada durante a sessão de Hemodiálise, contando com a participação da equipe de enfermagem como agentes de integração, compartilhando com os pacientes as ações desenvolvidas.

A roda de TCI foi filmada, de modo a permitiu um registro fidedigno das ações e acontecimentos, sendo posteriormente transcrita.

Em outro momento, retornou-se à clínica para que grupo que havia participado da TCI reverse o vídeo. Após assistirem à filmagem da qual eram protagonistas, foram lançadas algumas perguntas como: O que significou para você participar de uma TCI durante a hemodiálise? A partir da experiência da roda de TCI quais são os aspectos de sua vida sobre os quais você refletiu? A participação na terapia modificou de alguma forma seus pensamentos e sentimentos sobre a hemodiálise? Conte para nós. Quais foram as atitudes que você teve a partir dessa experiência? Assim, as pessoas que se dispuseram a falar formaram uma roda de conversa sobre as contribuições da TCI para sua vida.

As narrativas dessa sessão de vídeo foram filmadas, gravadas e, posteriormente, transcritas.

Os dados foram discutidos e analisados qualitativamente com base na técnica de análise temática. Além disso, também se aplicou a técnica da narrativa, que possibilitou a comparação de significados com a literatura pertinente ao tema discutido.

Para preservar a individualidade de cada participante, utilizamos nomes bíblicos, uma vez que no contexto da hemodiálise, as pessoas doentes renais acabam se apegando

muito à religião/espiritualidade, e os nomes foram: Rita, Maria José, Edvirges, Samuel, Isaías, Isaac, Ezequiel, José e João.

Em atendimento à Resolução do Conselho Nacional de Saúde Nº 196/96,¹⁰ seguimos rigorosamente as normas vigentes para a realização da pesquisa com seres humanos através do acordo assinado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e da Autorização de Uso de Imagem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Descrição da roda de Terapia Comunitária Integrativa

Para iniciar a roda de Terapia Comunitária Integrativa (TCI), procurou-se conhecer as pessoas que estavam presentes durante a sessão de hemodiálise. Considerando o ambiente e a disposição das máquinas dialisadoras, a roda foi formada intercalando, entre as pessoas doentes renais, os estudantes, as terapeutas e os trabalhadores da unidade para que se obtivesse uma maior aproximação das pessoas.

A condução foi feita por duas enfermeiras e terapeutas comunitárias, em cinco etapas.

Na primeira, o *acolhimento*, essa etapa teve como característica estimular as pessoas para a celebração da vida, das conquistas e propor dinâmicas interativas.

O acolhimento teve duração de, aproximadamente, dez minutos, com a finalidade de aproximar os participantes do grupo, deixando-os descontraídos e relaxados. Esta é uma etapa importante, pois favoreceu o aquecimento do grupo e sua participação. Foi realizada pela co-terapeuta que iniciou, desejando boas vindas ao grupo e explicando sobre a TCI e suas regras: o silêncio quando o outro estivesse se expressando; falar na primeira pessoa do singular; não julgar, não dar conselhos, não fazer “sermão” e que os participantes poderiam, a qualquer momento da terapia, sugerir músicas que fossem lembradas a partir das falas. Também foram comemorados os aniversários. A apresentação foi realizada com uma dinâmica, na qual cada um dizia seu nome e um adjetivo.

Essa dinâmica foi importante, especialmente pelos adjetivos auto-aplicados pelas pessoas em hemodiálise: jóia, cético, feliz, medroso, flor, esquecida, consciente, gente boa, apaixonado. Também foi realizada a dinâmica do “tira ou não o chapéu”: um chapéu, com um espelho colado ao fundo sem o conhecimento dos participantes, era apresentado às pessoas e solicitado a elas que dissessem se “tirava ou não o chapéu” para o personagem visto no fundo do mesmo. Essa dinâmica teve como objetivo o despertar da auto-estima. Todos, sem exceção, disseram tirar o chapéu para si próprio.

A etapa do acolhimento é o segundo passo para a construção do “Ser Grupal”, pois “quando os participantes são acolhidos dentro de um clima caloroso, estimula-se a quebra

das resistências e dos medos, todos são iguais nas suas comemorações, todos podem brincar e se aproximar livremente”.^{11:3}

Esta etapa é primordial para o “sucesso” da TCI, pois é neste momento que a co-terapeuta, com suas dinâmicas de aquecimento, promove o “quebra-gelo”. Foi uma ferramenta que teve como função: acolher, aquecer, celebrar a alegria e função de espelho.

“[...] na TCI o acolhimento é relação face a face, cujo objetivo é deixar o participante à vontade e garantir o diálogo respeitoso, baseado na troca de informações”.^{12:75}

Na segunda etapa, a *escolha do tema*, teve como função exprimir sofrimentos que, de outra forma, não seria possível. Neste momento, os participantes tiveram a oportunidade de falar de seu sofrimento, expondo-o para todo o grupo.

O Levantamento do Tema tem o objetivo de favorecer aos participantes exporem suas inquietações, seus problemas ou temas de seu interesse e, através da participação democrática, definir qual deles será eleito para ser contextualizado e problematizado pelas pessoas presentes na TCI.¹³

Nessa etapa, a terapeuta que conduzia a roda perguntou aos participantes se alguém gostaria de falar sobre algo que estava perturbando, que o incomodava ou o fazia sofrer.

É útil incentivar a participação e o envolvimento de todo o grupo, sensibilizando as pessoas a falarem de si mesmas, numa postura genuína de escuta e acolhimento. Ainda neste momento, a terapeuta destacou a importância de falar dos sofrimentos, frequentemente fazendo um apelo ao provérbio: “Quando a boca cala, o corpo fala, quando a boca fala, o corpo sara”. Ou ainda: “Quando guarda, azeda. Quando azeda, estoura. Quando estoura, fede.”¹⁴

Diante disso, certos provérbios, podem reforçar a capacidade de resiliência e de superação.

O provérbio constitui recurso que favorece a comunicação entre as pessoas também na TCI. É utilizado como recurso de síntese para aquele participante que tem uma fala muito prolixa e também para provocar a reflexão e até mesmo o humor.¹³

Os participantes falaram, brevemente, os problemas que lhes geravam angústia ou sofrimento.

A oportunidade de escolha também proporcionou às pessoas certo grau de poder, de autonomia, de controle, o que, na maior parte do tempo, não é permitido num ambiente de hemodiálise. As pessoas em tratamento se submetem a ele sem escolha.

A TCI na etapa da escolha do tema possibilitou a organização do cuidado no sentido de valorizar o ser humano compreendendo as pessoas frente às diferentes situações vivenciadas em sua trajetória de vida, respeitando a singularidade de cada um, explorando as condições de escolha e criando condições de mudanças.

Desta maneira, a organização do cuidado necessita de caminhos eficazes e técnicas seguras que atenuem o sofrimento das pessoas em hemodiálise, dando importância à percepção que cada pessoa tem de sua vida, saúde, condição, considerando suas sugestões para solução de seus problemas, desenvolvendo, então, um trabalho voltado à

pessoa e não à condição, através do estabelecimento de um vínculo que lhe transmita segurança e confiança.

A roda de TCI durante essa etapa possibilitou compreender a vivência das pessoas em hemodiálise e principalmente, ouvindo suas experiências, acolhendo suas dores, tentando compreender a essência dos seus sofrimentos, observando a realidade deste cenário ao qual a pessoa pertence.

Deste modo, a roda de TCI na verdade foi capaz de acolher, dialogar, produzir novas subjetividades, exercitar a capacidade crítica, transformar criativamente os modos de ver, sentir e pensar.

Assim o diálogo não acontece de forma imposta, ele ocorre naturalmente quando as pessoas conseguem se colocar na posição do outro. Ele se caracteriza por ser um ato reflexivo, transformador, rompendo com o silêncio e alcançando a autonomia de decidir o que é melhor para si.

Em seguida, o grupo elegeu, entre os temas apresentados, aquele que seria partilhado na roda. De acordo com Barreto, a pessoa só reconhece no outro aquilo que conhece de si. Todos os temas apresentados pelas pessoas doentes renais relacionavam-se à sua condição crônica, tais como: o medo (de deixar a família desamparada, da agulha, da hemodiálise, da morte), a não aceitação daquela condição, a dependência da máquina, as limitações, a luta pelo transplante e as dificuldades financeiras. O tema escolhido foi o medo de morrer e deixar a família desamparada.¹⁴

Este momento possibilitou o envolvimento dos participantes para a escuta e acolhimento.

A socialização das experiências e a interação constituem uma rede de apoio, ou seja, dão suporte às pessoas que compartilham o sofrimento.³

O terceiro momento foi a *contextualização*, contextualizar é pedir mais informações sobre o assunto, para que se possa compreender o problema no seu contexto e “ver além do dedo que aponta a estrela”.^{14:69}

Nesse momento, o participante que teve seu tema escolhido foi convidado pela terapeuta a falar para fornecer mais informações sobre o que estava vivendo, ou seja, o que estava trazendo-lhe sofrimento, e solicitou as pessoas do grupo que fizessem perguntas, a fim de compreenderem melhor o seu contexto e, também, possibilitando à pessoa que falou organizar suas idéias, sentimentos e emoções.

As perguntas dos participantes podem levar a pessoa que teve seu tema escolhido a refletir sobre si mesma, seus vínculos e perspectivas futuras, permitindo que o sofrimento seja ressignificado no contexto em que está inserido.¹⁵

Este momento possibilitou a escuta do relato da história, ou seja, da situação vivida pela pessoa que teve seu tema escolhido, e, assim, pudemos compreender, respeitar a singularidade de cada pessoa no contexto da hemodiálise.

Vale destacar que a fala, nessa etapa da TCI, é um elemento que contribui para o cuidado tanto de quem fala como de quem ouve. O grupo ouviu e interagiu durante a sessão de hemodiálise, e isso foi observado através das palavras, das expressões faciais e dos olhares. Essa forma de cuidado aproximou as pessoas e nos fez acreditar ter sido positiva para elas.

Na quarta etapa, depois da escuta atenta da pessoa, realizou-se a *problematização*.

Nas rodas de TCI, a problematização ocorre quando o terapeuta convida o grupo a partilhar suas experiências, com o lançamento do mote, quando as pessoas passam a falar de si mesmas socializando suas experiências e compartilhando a maneira como conseguiram superá-las. Assim a pessoa que expôs seu problema passa a compreendê-lo de forma diferente. A pergunta chave que o terapeuta faz permite uma reflexão do grupo através da seguinte questão: Quem já viveu uma situação parecida e o que fez para superá-la?

O Mote promove uma reflexão coletiva e ajuda a trazer elementos que permitem, a cada um, rever seus conceitos, suas fragilidades favorecendo ressignificá-los e reconstruir a realidade.¹⁴

A terapeuta pediu para a pessoa que detalhou seu sofrimento que permanecesse em silêncio e, dirigindo-se ao grupo, lançou o “mote”, ou seja, a pergunta que permitiria a reflexão de todos: “Quem já viveu uma situação parecida, de medo, e o que fez para resolver”?

Seguiu-se o momento da partilha de experiências, e todos se mostraram estimulados a falar de suas vivências e revelaram estratégias de enfrentamento, como: buscar apoio da família e amigos, viver e deixar de negar a doença, fazer planos, psicoterapia, fé, trabalhar, dedicar-se a fazer o bem a outros e pensar no bom tempo vivido.

Nesta etapa da roda, a formação deste grupo fez com que as pessoas que não se conheciam, mesmo estando juntas três vezes por semana, começassem a se interagir e a conhecer, no grupo, a importância do outro para a resolução dos problemas. Isso estimulou as pessoas a descobrir o poder resiliente em cada uma delas.

O *encerramento* é a quinta e última etapa da roda de TCI, com duração de, aproximadamente, 10 minutos, e teve como objetivo reconhecer o esforço e a vontade de superar os problemas. Também esta etapa caracterizou-se pela conotação positiva, em que a co-terapeuta convidou os participantes a expressar sobre o que aprenderam com as histórias relatadas e o que estavam levando de aprendizado.

Trata-se de reconhecer, valorizar e agradecer o esforço, a coragem, a determinação e a sensibilidade de cada um. Em outras ocasiões, tenta “iludir” o sofrimento, não valorizando o sofrimento em si, mas reconhecendo a coragem e a superação dos problemas.¹⁴

Este momento foi especial e proporcionou um ambiente de intimidade, fazendo com que as pessoas se sentissem bastantes próximas uma das outras, criando um clima de muita emoção e afetividade.

A co-terapeuta solicitou que todos os participantes dessem as mãos e, aqueles que não estivessem conectados às máquinas, que se levantassem. O ato de “dar as mãos” foi orientado pelo co-terapeuta, que reforçou o procedimento de oferecer a mão direita ao outro com a palma voltada para baixo e a mão esquerda com a palma voltada para cima. A terapeuta explicou o simbolismo deste ato, que “uma mão a gente dá e a outra a gente recebe.” “Nessa relação horizontal e dialógica, a reciprocidade, lei da convivência, é exercida quando o grupo dá as mãos em círculo e promove, com a palma da mão direita para baixo e a palma da mão esquerda para cima, a formação de uma rede viva.”^{16:54}

As pessoas deram-se as mãos formando uma grande roda. A partir daquele momento, a co-terapeuta realizou a conotação positiva, valorizando a coragem e a determinação de quem levou os temas para a roda, agradecendo a confiança, reconhecendo o ânimo e a força de vontade para superar as adversidades e dificuldades. Ainda em roda, a co-terapeuta perguntou ao grupo o que cada um admirou nas falas expostas e o que estavam levando dali. Um ambiente reflexivo e fraterno se criou, sendo que as principais respostas foram: aprendizado, força, solidariedade, amor, esperança, superação, amizade, que todos têm problemas, a importância de estar juntos e de falar, valorização da própria experiência e da dos outros e a satisfação de conhecer a TCI.

A terapia termina com canções e agradecimentos das terapeutas e dos participantes que logo perguntaram quando seria a próxima roda. Toda a TCI teve a duração de, aproximadamente, oitenta minutos. Durante seu desenvolvimento, pudemos perceber a transformação nas expressões das pessoas: de angustiados/entristecidos, logo na escolha do tema, a serenos e alegres à medida que a roda foi se desenvolvendo.

Os relatos provocaram uma explosão de sentimentos nos pacientes, deixando a roda repleta de emoção, admiração e compaixão.

As repercussões da roda de Terapia Comunitária Integrativa

Em outra etapa, voltamos à unidade de hemodiálise no mesmo horário em que as pessoas que participaram da roda estavam presentes. Neste dia, fizemos a devolutiva da filmagem da TCI aos participantes da roda, que foram protagonistas.

Iniciamos perguntando se tinham gostado da roda de TCI que se mostrou como uma contribuição extraordinária, pois proporcionou ao grupo maior relação com outras pessoas e interação, sendo isso importante para eles que permanecem a maior parte do tempo ociosos durante as quatro horas da sessão de hemodiálise, três vezes por semana. Alguns conversam entre Si e com a equipe de enfermagem, outros assistem à televisão, mas a maioria passa todo o tempo dormindo, sem ter um contato maior com o mundo que os cerca. Essa informação é referida por participantes da roda:

Precisava ter mais vezes!(Rita)

Então pra mim foi muito importante, gostaria que continuasse.
(João)

Eu também achei muito legal. Me serviu também pra crescer. Todo mundo sentiu, todo mundo quer de volta! (José)

Essa Terapia Comunitária é uma coisa excelente porque aproxima você do processo de interação, entendeu? Eu acho que é valor.
(Edvirges)

Pra mim foi muito importante, porque eu conheci melhor os colegas. Porque quando você tá numa comunidade você entende melhor os seus colegas, tudo é melhor pra você, porque você começa a adquirir as experiências deles, porque algumas coisas, por exemplo, eu tinha colega meu que não conversava muita coisa comigo, hoje ele conversa, me passa algumas situações, eu passo as minhas pra ele, a gente desabafa e se apóia, como que nós demos as mãos, um apoiando o outro. (Maria)

É louvável, é bom, ajuda, alivia e isso é interessante. (Isaías)

[...] Qualquer iniciativa que se faça pra que essas quatro horas se passe de uma forma mais salutar, mais gostosa de passar, é bom. Seja ela numa música, seja ela num filme [...] seja ela em qualquer coisa que atraia a atenção das pessoas. Seja numa conversa, seja numa discussão política [...]. (Ezequiel)

A roda de TCI foi louvável no sentido de troca de idéias, reflexão e relacionamento, tornando as quatro horas de hemodiálise menos tensas, ou seja, descontraídas, passando o tempo de uma forma mais salutar e prazerosa.

Observa-se que a roda estimulou a participação e a ação mútua entre as pessoas através de diálogo e reflexão, fortalecendo os vínculos entre as pessoas do contexto da hemodiálise.

O vínculo liga as pessoas entre si e as pessoas a terra, as suas crenças, aos seus valores, por fim, a sua cultura que lhe confere identidade e sentido de pertença.¹⁴

Ao assistirem à filmagem da roda da qual eles participaram, uma pessoa em hemodiálise relata o que mais chamou a sua atenção:

Ao me ver na roda de terapia o que mais me chamou a atenção, que nós tivemos coragem, todo mundo foi corajoso pra desabafar ali, Eu vi que todo mundo falou com o coração, falou a verdade, então isso foi muito importante pra gente. (Ezequiel)

Frente a esta realidade, a roda de TCI funcionou como um antídoto a este clima de tensão e de responsabilidades, fazendo com que o grupo começasse a ver e agir de forma diferente.

A roda de TCI foi permeada por muitas emoções e alguns participantes conseguiram mostrar como são, e isto os tornou mais unidos e mais solidários.

A partir da experiência da roda de TCI, os participantes relataram quais os aspectos de sua vida sobre os quais refletiram e as modificações na forma de pensar e sentir a hemodiálise:

Pra mim foi bom porque eu conheci melhor os colegas, né? eu procurei entender melhor através da terapia, deu pra mim fazer uma avaliação sabe, também desabafar algumas coisas, passei algumas coisas pras pessoas, que as vezes os colegas não sabem pra ficar bem que eu faço realmente, continuo fazendo isso no dia-a-dia pra me manter alegre, feliz, satisfeita, ajudar a família, não levar os problemas pra minha casa, pra não afetar minha família porque eles não tem nada haver com isso. (José)

A terapia me ajudou bastante, assim na parte que eu conheci melhor os colegas, você tá entendendo? Porque quando você tá numa comunidade você entende melhor os seus colegas, tudo é melhor pra você, porque você começa a adquirir as experiências deles, porque algumas coisas, por exemplo, eu tinha colega meu que não conversava muita coisa comigo, hoje ele conversa, me passa algumas situações, eu passo as minhas pra ele, a gente desabafa e se apóia, como que nós demos as mãos, um apoiando o outro. (Rita)

Eu sempre achei... achava, que de todos nós, que a única que tinha mais problema aqui era eu. Aí, ouvindo as outras pessoas eu entendi que todos nós temos os nossos problemas, uns menores outros maiores, entendeu? Eu ficava assim angustiada. Quando começava a dar 15:30 - 16:00 horas, que tinha que arrumar pra vim pra cá, minha angustia era muito grande, essa angustia passou, mais eu ainda tenho muito medo, medo assim, de uma embolia pulmonar, mas eu achava que só eu tinha problema, mas aí eu vi que não é só eu que tenho problema, todos nós temos problemas, daí eu comecei a entender e o meu começou a ficar menorzinho. (Samuel)

Através dos relatos observa-se que a TCI proporcionou um espaço de reflexão, melhorou a autoestima, ocorrendo uma verdadeira comunicação entre as pessoas que tiveram liberdade para expor seus sentimentos, suas angústias, podendo desenvolver uma relação de troca de experiências, de compartilhamento, de transformação, de relacionamento e busca por alternativas para o seu bem estar.

Pode-se verificar que o fato de várias pessoas expressarem que passaram pela mesma situação ampliou o leque de possibilidades para a resolução dos problemas, pois existem várias maneiras de enfrentá-los.

Com o relato em comum das angústias e depoimentos a TCI se complementa, pois todas as pessoas que participam comungam da mesma problemática e apresentam sofrimento.¹⁷

Os doentes renais crônicos destacaram que a TCI foi uma estratégia que contribuiu também para entretenimento que deveria ser realizada sempre, pois durante sessão de hemodiálise ficam apenas assistindo à programas de televisão. Afirmaram que a realização

da TCI tem recursos culturais que contribuíram para resgatar os valores e enaltecer a identidade pessoal e social. Nas suas falas evidenciamos que a música utilizada como um recurso resgata suas origens e suas tradições:

[...] estabelece um perfil, quem é gaúcho, mineiro, mato-grossense nato, etc, etc, e a gente dosa uma música que resgatou as nossas origens, nossa tradição [...] (Isaac)

A música! A música é a expressão da alma! A música é a expressão da alma! Quando nosso corpo está com alguma coisa não legal ele desequilibra. A música faz com que nos renovamos, ela consegue buscar uma alegria que está lá dentro, uma palavra que está lá dentro, uma expressão. (Samuel)

É através da música que muitas das vezes expressa os seus sentimentos amorosos, é através da música que você expressa sua fé, é através da música que você eleva o seu ego [...] é importante pra mim nesse ciclo que vocês estão fazendo, ou seja, que vocês trazem como terapia comunitária. (João)

A utilização dos recursos culturais na TCI colaborou no sentido de consolidar, resgatar e fortalecer valores, saberes, competências individuais e comunitárias e auxiliar no desenvolvimento dinâmico das sessões, contribuindo para a participação e interesse das pessoas.¹⁸

Com relação à forma de pensar e sentir a hemodiálise observou-se que os doentes renais crônicos se referiram ao medo da máquina de hemodiálise, e neste sentido a TCI contribuiu para que eles enxergassem outra forma de ver a vida e de entendimento do tratamento resgatando a esperança e a espontaneidade de cada um.

Assim a roda de TCI foi um espaço que concorreu para compartilhar as sabedorias e as experiências de vida dessas pessoas, uma estratégia que possibilitou buscar soluções para seus sofrimentos e superação, além de promover a autonomia e o exercício da cidadania.

CONCLUSÃO

Como enfermeira de nefrologia nutria o desejo e a curiosidade de compreender a TCI como um cuidado complementar, no contexto da hemodiálise, aspiração que levou à produção deste estudo como um compromisso ético para com a ciência e a sociedade no sentido de ser necessário avançar no conhecimento de enfermagem para melhor cuidar das pessoas.

Durante a elaboração deste estudo, que envolveu desde a escolha do objeto, do método de pesquisa, dos instrumentos a serem utilizados, surgiram muitos questionamentos e dúvidas principalmente pelo fato de a literatura científica sobre o tema ser muito escassa.

Nesse sentido, em termos de conclusões, podemos afirmar que:

- A TCI possibilitou a criação de um espaço de cuidado para as pessoas no contexto da hemodiálise, com foco no cuidado humanizado e também investiu nos determinantes sociais da saúde, principalmente na redução do estresse e na ampliação do apoio social;

- As rodas de TCI foram desenvolvidas em todas as suas etapas como uma abordagem terapêutica e como um espaço de escuta para as pessoas em hemodiálise;

- As discussões que ocorreram possibilitaram reflexões desta abordagem no sentido de guiar as transformações que se mostram necessárias no processo de cuidado para as pessoas em hemodiálise.

Dessa maneira a roda de TCI no contexto da hemodiálise foi oportuna, funcionando como uma estratégia de cuidado complementar no sentido de potencializar ações, possibilitando a construção de redes sociais solidárias.

A oportunidade de realizar este estudo superou a nossa expectativa inicial o que nos motivou para a realização da TCI como mais um instrumento para o cuidado e oportunidade de crescimento tanto pessoal como profissional. Possibilitou um aprendizado de vida para nossas inquietações e um novo olhar para o modo de agir.

REFERÊNCIAS

1. Fermi MRV. Diálise para Enfermagem: Guia Prático. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2010.
2. Freitas MC, Mendes MMR. Condição crônica: análise de um conceito no contexto da saúde do adulto. Rev Latino-am Enfermagem. 2007 jul-ago;15(4): 77-84.
3. Maruyama SAT, Ribeiro RLR, Gaíva MAM, Pereira WR, Bellato R, Costa ALRC. Associações de pessoas com condição crônica: a politicidade como uma estratégia na construção da cidadania. Rev. Eletr. Enf. 2009;11(3):732-7.
4. Salati MI. A questão da vulnerabilidade percebida pelo indivíduo com insuficiência renal crônica, em tratamento hemodialítico. [dissertação]. Dissertação. São Paulo (SP): Mestrado em Bioética, - Centro Universitário São Camilo; São Paulo, 2010.
5. Campos CJG, Turato ER. Tratamento hemodialítico sob a ótica do doente renal: estudo clínico qualitativo. Rev Bras Enferm. Brasília 2010 set-out; 63(5): 799-805.
6. Mattos RA. A integralidade na prática (ou sobre a prática da integralidade). Cad. Saúde Pública. Rio de Janeiro 2004; set-out 20(5):1411-1416.

7. Ferreira Filha MO, Dias MD, Andrade FB, Alves TT. Terapia comunitária: principais problemas e estratégias de enfrentamento de seus participantes. In: Grandesso M, Barreto MR. *Terapia Comunitária: Tecendo redes para a transformação social, saúde, educação e políticas públicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2007: 295-300.
8. Ribeiro RLR, Rocha SMM. Enfermagem e famílias de crianças com síndrome nefrótica: novos elementos e horizontes para o cuidado. *Texto contexto - enferm.* Florianópolis Mar 2007; 16(1). .
9. Costa ALRC, Figueiredo DLB, Medeiros LHL, Mattos M, Maruyama SAT. O percurso na construção dos itinerários terapêuticos de famílias e redes para o cuidado. In: Pinheiro R, Martins PH. *Avaliação em saúde na perspectiva do usuário: abordagem multicêntrica*. São Paulo: ABRASCO; 2009.
10. Camarotti MH. *Terapia Comunitária Integrativa: do individual para o grupal. Eis o desafio!* Abratecom. [citado 21 nov. 2012]. Disponível em <<http://abratecom.org.br/blog/?p=112> >
11. Andrade, F. B. *A Terapia Comunitária como instrumento de inclusão da Saúde Mental na Atenção Básica: avaliação da satisfação dos usuários*. 142 f. Dissertação (Mestrado em Saúde) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.
12. Silva, MRG. *A metáfora na Linguagem da Terapia Comunitária: estudo de caso com pais de alunos do 1º ciclo do Ensino Fundamental de uma Escola Municipal de Ipatinga - MG [dissertação]*. Caratinga (MG): Mestrado Acadêmico em Educação e Linguagem, Centro Universitário de Caratinga - UNEC; 2010.
13. Barreto AP. *Terapia comunitária passo a passo*. 4ª ed. Revisada e ampliada. Fortaleza: Gráfica LCR; 2010.
14. Barreto, AP; Barreto, MCR; Oliveira, D; Barreto, ICHC; Abdala, MP. *Terapia Comunitária Integrativa na ESF/SUS. Projeto de inserção da terapia comunitária integrativa na ESF/ SUS*. Ministério da Saúde /Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura/ Convênio nº 3363/2007 e nº2397/2008. Fortaleza, 2011.
15. Barreto MR, Barreto AP, Barreto JP. *A trajetória da Terapia Comunitária Sistêmica Integrativa*. In: Camarotti MH, Freire TC, Barreto AP. *Terapia Comunitária sem fronteiras: compreendendo suas interfaces e aplicações*. Brasília: MISMEC-DF, 2011.
16. Souza, G.M.L.; Silva, P.M.C.; Azevedo, E.B.; Ferreira Filha, M.O.; Silva, V.C.L.; Espinola, L.L. *A contribuição da terapia comunitária no processo saúde - doença*. *Cogitare Enferm.* out/dez. 2011; 16(4): 682-8.
17. Oliveira, D.S.T.; Ferreira Filha, M.O. *Contribuição dos recursos culturais para a Terapia Comunitária Integrativa na visão do terapeuta*. *Rev Gaúcha Enferm.*, Porto Alegre (RS) 2011 set;32(3):524-30.

Recebido em: 24/01/2013
Revisões requeridas: Não
Aprovado em: 03/10/2013
Publicado em: 01/04/2015

Endereço de contato dos autores:
Simoni Paula de Melo
End.: Rua Estevão de Mendonça nº 1134 apto 302 - Bairro Quilombo -
Cuiabá/MT - CEP.: 78043-405. E-mail: simonipaula@terra.com.br